

**DISCURSO COLETIVO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM  
FRENTE AO ENSINO DO ESTIGMA ASSOCIADO À HANSENÍASE**  
Ingrid Grangeiro Bringel Silva<sup>1</sup>, Jeane Lima Cavalcante<sup>2</sup>, Héryka Laura Calú Alves<sup>3</sup>,  
<sup>4</sup>Grayce Alencar Albuquerque

**Resumo:** Objetivo: analisar o discurso acerca do ensino de acadêmicos de enfermagem frente ao estigma associado à hanseníase. Método: estudo descritivo, com abordagem qualitativa. Coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, realizada no segundo semestre do ano de 2016. Participaram 13 acadêmicos e os dados foram organizados pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Resultados: a síntese do discurso do sujeito coletivo apontou três temas: Abordagem do estigma da Hanseníase durante a formação acadêmica; Atividades extracurriculares na abordagem sobre hanseníase e Experiências na abordagem de pessoas com hanseníase na disciplina de Saúde Coletiva. Conclusão: constatou-se que a percepção do estigma foi abordada timidamente nas aulas expositivas, sendo vista em outras atividades de extensão como a liga acadêmica e na vivência das práticas.

**Palavras-chave:** Hanseníase; Estigma Social; Ensino; Enfermagem.

**COLECTIVE DISCOURSE OF NURSE STUDENTS INFACE OF THE  
TEACHING OF THE STIGMA ASSOCIATED TO THE LEPROSY**

**Abstract:** Objective: to analyze the discourse on teaching nursing students in view of the stigma associated with leprosy. Method: a descriptive study with a qualitative approach. Data collection through individual semi-structured interviews, carried out in the second semester of 2016. 13 academics participated and the data were organized using the Collective Subject Discourse technique. Results: the synthesis of the discourse of the

<sup>1</sup> Enfermeira, graduada pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Enfermagem pelo Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem (PMAE - URCA). E-mail: [ingrid\\_gbringel@hotmail.com](mailto:ingrid_gbringel@hotmail.com);

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (PMAE-URCA). E-mail: [jeanecavalcante2009@hotmail.com](mailto:jeanecavalcante2009@hotmail.com);

<sup>3</sup> Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (PMAE-URCA). E-mail: [herykalaura@hotmail.com](mailto:herykalaura@hotmail.com);

<sup>4</sup> Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde pelo programa de Pós-graduação da Faculdade de Medicina do ABC. Docente da Universidade Regional do Cariri. E-mail: [geycyenf.ga@gmail.com](mailto:geycyenf.ga@gmail.com).

Recebido: 14/11/20

Aceito em: 14/12/22

collective subject pointed out three thematic axes: Approach to the stigma of leprosy during academic training; Extracurricular activities in the approach to leprosy and Experiences in the approach to people with leprosy in the Collective Health discipline. Conclusion: it was found that the perception of stigma was approached in a shy way in the lectures, being perceived in other extension activities such as the academic league and in the experience of practices.

**Keywords:** Leprosy; Social Stigma; Teaching; Nursing.

## INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa que repercute negativamente na vida do doente, além de sofrerem com o preconceito e a exclusão social (AQUINO et al., 2015). O estigma da doença é milenar e permanece no imaginário coletivo, consequentemente, interfere no enfrentamento e na história dos que são afetados. Diante o exposto, necessita-se de uma abordagem ampla e apoio à inclusão social dos pacientes, especialmente, se presentes incapacidades ou sequelas ocasionadas pela doença (LEITE; SAMPAIO; CALDEIRA, 2015).

Considerando que as incapacidades e as deformidades podem acometer as pessoas afetadas pela hanseníase, cabe aos profissionais da atenção primária à saúde, em especial, o enfermeiro, que precisa ter o conhecimento e a competência necessárias, apoiá-las em relação ao estigma e ao preconceito, assim como, identificar outras dificuldades que interfiram no cuidado integral do paciente/família (FONSECA et al., 2015).

A assistência de enfermagem a pessoa afetada pela hanseníase tem avançado quando se inclui a sistematização da assistência para atender as questões psicossociais, bem como, quando se esforça para romper com o estigma, pois desperta a confiança na pessoa enferma, sendo esta abordagem, parte do processo que melhora a qualidade do cuidado (GOIABEIRA et al., 2019). Assim, para uma devida atuação, esses profissionais devem passar por educação permanente para qualificar a assistência livre de julgamentos, preconceitos e estigmas sociais, agindo de forma qualificada e promovendo uma assistência adequada.

Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, estudo aponta que estudantes de enfermagem de uma Universidade Pública do Nordeste do Brasil têm conhecimento sobre os principais aspectos relacionados à doença, embora apresentem dúvidas sobre o modo de transmissão, tendo como fonte de informação apenas os professores, inclusive, a busca de informações nessa fonte foi associada a um maior nível de conhecimento sobre o

assunto (GARCÊS et al., 2017) porém, é preciso que exista também outras formas e fontes simultâneas para que o tema seja trabalho de forma ampla e tenha como desfecho o impacto positivo na assistência.

Diante do exposto, a preocupação com a formação e a capacitação de profissionais de saúde se faz presente no contexto mundial. Em relação à formação de enfermeiros, experiências apontam que a abordagem sobre a hanseníase faz parte das aulas práticas, havendo disseminação de informações por meio de educação em saúde em escolas secundárias, o que implica em controle sustentável da doença (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2016).

Neste sentido, o conhecimento e prática dos enfermeiros sobre hanseníase deve estar alinhado ao que preconiza a Política Nacional de Controle e Eliminação da Hanseníase (PNECH), contudo, na prática da atenção primária à saúde, têm-se identificado a necessidade de confirmar a notificação dos casos suspeitos e a reinserção social das pessoas que foram acometidas, sendo esta última pouco mencionada (RODRIGUES et al., 2015), decorrente em parte, do estigma social imposto a este agravo. A notificação e inserção social deficitária de pacientes com hanseníase em parte, é decorrente do distanciamento dos profissionais associado ao estigma, bem como, ao pouco conhecimento da população em geral sobre a doença, que acabam sendo fatores que contribuem para o preconceito direcionado ao paciente (RODRIGUES et al., 2015).

Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o discurso acerca de acadêmicos de enfermagem frente ao ensino do estigma associado à hanseníase.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa. O cenário da investigação foi uma Instituição de Ensino Superior (IES) sediada em um município do interior do Nordeste brasileiro.

Participaram da pesquisa estudantes do décimo semestre do curso de graduação em Enfermagem, incluídos por terem cursado as disciplinas de Enfermagem em Saúde Coletiva I e Enfermagem em Saúde Coletiva II, que contemplam o ensino do cuidado de enfermagem à pessoa com hanseníase. Foram excluídos do estudo estudantes que já tiveram algum parente/comunicante com hanseníase, uma vez que se presume a interferência na subjetividade e alterações no comportamento do participante.

A coleta foi realizada no ambiente da própria IES no segundo semestre do ano de 2016, por meio de entrevistas semiestruturadas, que avaliaram a atuação do ensino frente à desconstrução do estigma/preconceito associado à hanseníase. Para a coleta utilizou-se um roteiro semiestruturado que contemplava questões voltadas ao perfil dos acadêmicos e ao ensino da hanseníase na graduação, especialmente sob o enfoque do estigma, se fora trabalhado, como e em que cenários.

As respostas das entrevistas semiestruturadas foram organizadas por meio da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A técnica consistiu em analisar o material verbal coletado em pesquisas que têm depoimentos como sua matéria-prima, extraindo-se de cada um destes depoimentos as Ideias Centrais (IC) e suas correspondentes Expressões Chave (ECH); com as Ideias Centrais e Expressões Chave semelhantes compõe-se um ou vários discursos síntese que são os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2014). Em seguida, os discursos emergidos foram analisados à luz da literatura pertinente.

O estudo obteve aprovação ética, sob o número do parecer 1.519.633, do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Cariri (URCA). Foram respeitados todos os preceitos éticos dispostos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes foram convidados e esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram orientados quanto a sua participação voluntária.

## **RESULTADOS**

Participaram do estudo 13 concludentes do curso de graduação em enfermagem, a maioria representada por pessoas do sexo feminino, maioria de religião católica, com idade mínima de 17 anos e máxima de 48 anos (média de 22,3 anos), renda variando entre dois a três salários mínimos (sendo o salário mínimo vigente no ano de 2016 no valor de R\$ 880,00). Nenhum participante declarou ter filhos e não exercer alguma atividade profissional devido o curso demandar os períodos da manhã e tarde com aulas e/ou estágios, bem como, atividades de extensão, agregando qualificação ao processo ensino-aprendizagem e conseqüente formação profissional diferenciada.

Para melhor organização, apresentação e visualização dos dados, estes foram apresentados a partir das questões disparadoras, IC e a síntese que compõem o DSC e estão dispostos em quadros.

## EXPERIÊNCIAS NA ABORDAGEM DE PESSOAS COM HANSENÍASE NA DISCIPLINA DE SAÚDE COLETIVA

Os acadêmicos de enfermagem identificam que o ensino em enfermagem frente à hanseníase pauta-se corriqueiramente na abordagem expositiva com conteúdo sobre formas clínicas, diagnóstico, busca ativa e prevenção de incapacidades. Relativo ao cuidado de enfermagem, esse é abordado exclusivamente na disciplina de Saúde Coletiva II, mais próxima do período final da do curso. A experiência prática ocorreu durante o contato direto com os pacientes, em que relataram os instrumentos para detecção e diagnóstico dermatoneurológico, em que se abordou o contato pelo toque na avaliação dos nervos periféricos, sem se recorrer ao uso de luvas, rompendo-se o estigma do contato direto com o paciente.

**Quadro 1** - Síntese qualitativa da disciplina e formas de abordagem sobre estigma e hanseníase, segundo ideias centrais e discurso do sujeito coletivo, Crato, Ceará, Brasil, 2016

Questão A: Em que disciplina o tema hanseníase foi mais abordado? Relate como foi à abordagem sobre a doença.	
IC	DSC
C1: Abordagem mediante aulas expositivas	<i>Foi mais abordada em saúde coletiva II (disciplina), por meio de aulas expositivas. A doença ser negligenciada e estigmatizante. Traziam questões ao diagnóstico, busca ativa dos casos, tratamento, as formas clínicas da doença, [...] à prevenção de incapacidades, que é uma problemática muito comum desses usuários e como nós enfermeiros poderíamos estar atuando nessa perspectiva. (DSC C1)</i>
C2: Contato direto com o paciente	<i>No estágio foi bom, teve o contato direto com o paciente. Vimos às formas de detecção da doença, fizemos teste com monofilamentos, palpação dos nervos e passar óleo na pele. Durante essa consulta a professora mostrou que você podia pegar no paciente sem a luva, para a palpação dos nervos e que não precisava ter todo esse estigma. (DSC C2)</i>

## ABORDAGEM DO ESTIGMA DA HANSENÍASE DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Os acadêmicos de enfermagem apresentaram discursos controversos quanto à abordagem sobre o estigma e a hanseníase. Alguns acadêmicos apontaram que a temática foi discutida durante o ensino de enfermagem de forma geral e, especificamente, sobre o preconceito que os pacientes estão expostos, relatando a necessidade de desenvolverem atividades que o minimize, embora não tenham elencado quais estratégias poderiam

utilizar em suas práticas. Já para outros acadêmicos, a temática frente ao estigma se revelou durante a realização de atividades extracurriculares e não em sala de aula.

**Quadro 2** - Síntese qualitativa sobre estigma e hanseníase em sala de aula, segundo ideias centrais e discurso do sujeito coletivo. Crato, Ceará, Brasil, 2016

<b>Questão B:</b> A graduação em enfermagem contemplou-lhe a abordagem do estigma frente à hanseníase em sala de aula?	
<b>IC</b>	<b>DSC</b>
<b>A1:</b> Abordagem do estigma	<i>Sim, foi bem trabalhado a questão da hanseníase, na disciplina de saúde coletiva II. A professora abordar a questão do estigma sobre a hanseníase aqui dentro da universidade, no Brasil, no âmbito mundial, [...] sobre o preconceito que o paciente com hanseníase sofre e a gente deve combater esse preconceito. (DSC A1)</i>
<b>A2:</b> Não abordado diretamente em sala de aula	<i>Não. Diretamente não. Nunca houve assim um momento pra se trabalhar única e exclusivamente essa questão do estigma e nem de como nós futuros profissionais poderíamos estar revertendo este quadro. Eu tive mais essa questão do preconceito e estigma depois que comecei a fazer parte de um grupo de extensão, a Liga das Doenças Negligenciadas, a LIDONE). (DSC A2)</i>

## **ATIVIDADES EXTRACURRICULARES NA ABORDAGEM SOBRE HANSENÍASE**

Nesse DSC os acadêmicos de enfermagem apontaram as atividades realizadas e sua participação sobre a temática frente ao estigma da hanseníase. Constataram-se pólos distintos; alguns nunca participaram de ações com foco na redução do estigma frente à hanseníase e outros apontaram participação por meio de ações promovidas por liga acadêmica (projeto de extensão), contemplando o processo ensino-aprendizagem.

**Quadro 3** - Síntese qualitativa das atividades curriculares sobre estigma e hanseníase segundo ideias centrais e discurso do sujeito coletivo. Crato, Ceará, Brasil, 2016

<b>Questão C.</b> Você consegue identificar alguma atividade curricular que envolve ações de extensão as quais trabalham o estigma associada à hanseníase? Qual (is)? Você participou de alguma dessas atividades	
<b>IC</b>	<b>DSC</b>
<b>B1:</b> Nunca participei de nenhuma atividade	<i>Eu desconheço atividades sobre o tema. Nunca participei de nenhuma atividade. Não me recordo de ter havido um momento específico para gente tratar disso sobre a hanseníase. Nenhum evento, workshop sobre isso. Na graduação a gente tem o conhecimento que isso (estigma) existe, mas nenhuma ação que trabalhe somente isso. (DSC B1)</i>
<b>B2:</b> Participação em atividades de liga acadêmica	<i>Já participei dessas atividades na Liga das Doenças Negligenciadas (LIDONE) que foi uma criação do grupo do Programa de Educação Tutorial (PET). Ela trabalha isso do estigma e preconceito relacionado à hanseníase e, também sobre a questão da busca ativa dos casos. A liga se tornou um aliado onde a gente discute a respeito das doenças negligenciadas no nosso país e nossa região. (DSC B2)</i>

## DISCUSSÃO

A análise do DSC acerca do ensino de acadêmicos de enfermagem quanto à abordagem sobre estigma associado à hanseníase apontou que este conteúdo está presente na formação de forma limitada e com pouca visibilidade durante as aulas curriculares. No entanto, essa percepção é contraditória, pois para alguns o estigma foi abordado em sala de aula e na vivência prática, enquanto para outros, essa temática tornou-se visível somente em atividades extracurriculares.

Nessa direção, a formação dos profissionais enfermeiros ainda enfrenta desafios no desenvolvimento de práticas humanizadas, éticas e integrais aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), fundamentadas nos princípios doutrinários do sistema (XIMENES NETO et al., 2020). Frente ao cuidado de pessoas com hanseníase, a compreensão sobre o estigma em meio à estruturação de serviços de saúde requer uma educação continuada para as equipes.

Assim, a formação profissional deve envolver orientações e diálogo em torno do estigma. Contudo, na prática ainda não se identifica esse preparo e conduta profissional, conforme foi retratado nas percepções de estigma por mulheres com hanseníase, no Vale do Jequitinhonha, quanto ocultavam a doença diante da negativa representação social, do constrangimento sentido em família e das menções relativas aos nomes “lepra” e seus significados no atendimento dos serviços de saúde (NEIVA; GRISOTTI, 2019). Diante do exposto, a formação dos enfermeiros para condução do cuidado apoiado deve compreender os estigmas revelados ao considerar o paciente ativo, detentor de sentimentos e direitos e, assim, transpor o aspecto biologicista e medicamentoso.

Relativo à participação em atividades sobre a temática frente ao estigma da hanseníase na formação em enfermagem, embora alguns participantes do estudo apontem não terem participado de ações nesse sentido, outros destacaram a presença de atividades extensionistas, como ligas acadêmicas que facilitaram essa aproximação. Ressalta-se que a extensão universitária é uma iniciativa que permite contribuir nas competências dos futuros profissionais da saúde, por integrar ensino, serviço, comunidade, sendo parceira com a gestão para o cuidado em saúde, o que leva a uma formação profissional mais completa e qualificada.

A extensão universitária é capaz de fornecer, por meio de ações que articulam ensino e pesquisa, a formação de cidadãos e profissionais de saúde focada em novas práticas de cuidados, pautadas não somente na técnica, mas na ética e na responsabilidade

cidadã e social; isso permite aos participantes o desenvolvimento de um olhar humanitário e o reconhecimento da importância da realidade social na construção do conhecimento e da práxis (SILVA et al., 2019). Ressalta-se, ainda, que as práticas de extensão não substituem a responsabilidade inerente ao poder público frente à saúde da população e nem mesmo exime a própria instituição de ensino e o curso de graduação em abordarem essa temática tão relevante como é o estigma associado à hanseníase.

Neste sentido, experiências em ações de extensão em Ligas Acadêmicas, como a Liga das Doenças Negligenciadas (LIDONE), apontada pelos participantes do estudo, têm corroborado com o entendimento crítico e reflexivo quanto à assistência à pessoa com hanseníase, por meio de aproximação do uso de tecnologias educacionais e adaptação de jogos informativos, que permitem o acesso à informação e a desmistificação de preconceitos e estigmas da doença para os acadêmicos e a comunidade (SILVA et al., 2017).

Dessa forma, considera-se importante o maior incentivo de participação dos acadêmicos em projetos de extensão, nas pesquisas direcionadas à temática que contribuam com a comunidade no combate ao estigma frente à hanseníase baseada na educação em saúde. Essas ações colaboram na formação crítica de enfermeiros que poderão ser agentes de transformação social em seu futuro exercício laboral, além de contribuir para integração da universidade, serviço e comunidade (MAIA; SILVA; SILVA, 2020).

De fato, as ações de desmistificação de mitos e estigmas construídos socialmente acerca da hanseníase de fato podem ocorrer em outros espaços, assim como identificado em uma atividade de um projeto de extensão, onde discentes de enfermagem possibilitaram a construção desse conhecimento por meio da interação educativas com adolescentes, realizado por discentes de enfermagem (FREITAS et al., 2019).

Ainda, o enfrentamento do estigma requer o uso de tecnologias interativas e a abordagem sobre o tema entre os diferentes profissionais de saúde. Esse esforço torna-se necessário pois estudo bibliográfico identificou a escassez de intervenções para redução do estigma no contexto da unidade de saúde, por qualquer nível de profissional de saúde, relacionado às doenças infecciosas, dentre elas a hanseníase (NYBLADE et al., 2019).

Considerando que a estigmatização da hanseníase repercute em comportamento negativo da pessoa doente frente ao acesso, diagnóstico e tratamento, conseqüentemente sentirá seus efeitos na qualidade de vida. Nesse sentido, a perspectiva é que as ações de enfermagem em hanseníase transponham a visão formal, científica e medicamentosa, para

que esse profissional se torne apto a ajudar as pessoas acometidas a terem consciência do seu problema de saúde e serem protagonistas do seu autocuidado (ARAÚJO et al., 2016).

Importante também se faz as experiências dos acadêmicos na abordagem das pessoas com hanseníase em disciplinas teórico-práticas por meio de aulas expositivas e contato direto. Na prática clínica, o contato com o paciente geralmente ocorre mediante consulta de enfermagem. Esse aspecto é avaliado como positivo, pois oportuniza desmistificar o estigma da doença durante a avaliação de incapacidades e o acompanhamento realizado nos retornos do paciente.

Por fim, no âmbito do ensino superior, tem-se a necessidade de desenvolver métodos de ensino que possam estimular maior participação do estudante em seu processo ensino-aprendizagem, como novas metodologias ativas, dialógicas e participativas (XIMENES NETO et al., 2020). Essas metodologias consideram o aluno como corresponsável na geração do conhecimento, auxiliando no processo de autoavaliação e autoconhecimento com vistas à mudança de comportamento a ser empreendido durante sua assistência à saúde da pessoa com hanseníase. Desse modo, devem desenvolver uma abordagem ampla de modo crítico, humanizado e efetivo para atender as necessidades de saúde de paciente e família acometidos pelo agravo.

Apesar de importantes achados, este estudo apresenta limitações; dentre estas tem-se o número reduzido de participantes, assim como ,o fato de ter sido desenvolvido em apenas uma instituição de ensino superior. No entanto, tais limitações não ofuscam a importância do estudo que direcionam para maior reflexão sobre a temática, que necessita ser inserida de forma mais veemente nos processos formativos desses profissionais de saúde.

Ademais, vislumbra-se a necessidade de desenvolvimento de outros estudos que considerem o quadro docente da instituição, de modo a avaliar suas práticas de ensino e como essas repercutem no processo ensino-aprendizagem. Indica-se, ainda, uma abordagem investigativa em que se considere a instituição como um todo, avaliando os projetos pedagógicos dos cursos, em uma perspectiva integradora e transformadora da realidade da enfermagem e demais áreas do conhecimento.

## CONCLUSÃO

A perspectiva de discussão do estigma fortemente ligado à hanseníase necessita ser ampliada no ensino de enfermagem. O estudo apontou ausência ou incipiência de

abordagens no ambiente acadêmico, sendo o assunto mais abordado em atividades extensionistas, que em sua maioria, ficam restritas à Ligas Acadêmicas, com participação somente dos acadêmicos de enfermagem que a compõem Assim, considera-se importante que essas atividades de extensão possam ter alcance máximo à outros estudantes, gerando maior impacto ao cuidado apoiado à pessoa/família com hanseníase.

Simultaneamente, o tema também deve ser trabalhado de forma profunda e inserido nos currículos dos cursos de graduação em enfermagem, devendo ser veementemente mais trabalhado dentro das aulas ministradas, com o uso de metodologias ativas que atraiam os alunos à sensibilização e intervenção, de modo que tenha a notoriedade e atenção adequada do corpo docente e se dissemine entre os estudantes e na práxis destes quando forem profissionais de saúde.

De fato, o combate ao estigma associado à doença é um tema ainda pouco valorizado e que deve ser apresentado como uma proposta necessária de trabalho aos futuros enfermeiros. E mesmo que o assunto passe a ser abordado de forma regular, tem-se que o ensino de graduação em enfermagem ainda é pautado em aulas expositivas e práticas, necessitando da inclusão de novas metodologias de ensino e aprendizagem, com ênfase na metodologia problematizadora que proporciona aos alunos o desenvolvimento de competências e vivências. Assim, em resposta a este novo cenário, discentes e docentes sensibilizados à temática, se melhorará a qualidade da assistência prestada ao paciente com hanseníase, ao seu familiar e toda a comunidade que está envolvida nesse contexto.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, C.M.F.; ROCHA, E.P.A.A.; GUERRA, M.C.G.; CORIOLANO, M.W.L.; VASCONCELOS, E.M.R.; ALENCAR, E.N. Peregrinação (Via Crucis) até o diagnóstico da hanseníase. **Rev enferm UERJ**, v. 23, n. 2, p. 185-190, 2015.

ARAÚJO, L.S.; SANTIAGO, I.S.; ARAÚJO, O.D.; ARAÚJO, T.M.E.; ALMEIDA, P.D., SENA, I.V.O. Nursing actions in the care and control of the leprosy: an integrative Review. **Rev Enferm UFPI**, v. 5, n. 2, p. 69-74, 2016.

CASTRO, C.M.; ERAZO, L.; GUNTURIZ, M.L. Strategies for Reducing Leprosy Stigma. **Mycobact Dis**, v. 8, n. 1, 2018.